

## A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física

Sports Science from Jorge Bento's perspective for the training of Physical Education teachers

Vickele SOBREIRA\*  
Vilma Lení NISTA-PICCOLO\*\*  
Wagner Wey MOREIRA\*\*\*

**RESUMO:** Duas interrogações iniciais propiciaram a redação deste escrito: 1- É possível entender o Desporto de forma mais abrangente, superando a visão simplista de mera prática de modalidade esportiva? 2- Dar nova dimensão ao Desporto pode propiciar, na formação profissional em Educação Física, a busca de um sentido humano mais adequado? A partir destas questões, este estudo relaciona a Ciência do Desporto com a formação profissional em Educação Física, numa visão ampliada e de uma axiologia humanista, calcado em estudos realizados por Jorge Olímpio Bento, e teóricos dessa área que se apoiaram em suas reflexões. Com a proposta de contribuir com a produção de conhecimento, contextualizado e crítico, em Educação Física, esse artigo se pauta na Ciência do Desporto advogada pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desporto. Formação Humana. Formação Profissional. Fenômeno. Educação Física.

**ABSTRACT:** Two initial questions led to the writing of this writing: 1- Is it possible to understand sport more comprehensively, overcoming the simplistic view of mere practice of sports? 2- Can giving a new dimension to Sport provide, in professional training in Physical Education, the search for a more appropriate human meaning? Based on these issues, this study relate Sports Science with vocational training in Physical Education, in an expanded vision and a humanist axiology, based on studies carried out by Jorge Olímpio Bento, and theorists of this area who relied on their reflections. With the proposal of contributing to the production of knowledge, contextualized and critical, in Physical Education, this article is based on Sports Science advocated by the Faculty of Sport of the University of Porto.

**KEYWORDS:** Sport. Human Formation. Vocation Training. Phenomenon. Physical Education.

### 1 O Fenômeno Desporto em Pauta

O ativismo físico presente na sociedade atual causou mudanças na maneira de perceber, interpretar, utilizar e vivenciar o desporto. Observa-se o fim de uma interpretação de

\* Mestra em Educação Física, Colégio de Aplicação Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (CAp Eseba/ UFU), <http://orcid.org/0000-0002-6778-006X>, [vicksobreira@ufu.br](mailto:vicksobreira@ufu.br)

\*\* Doutora em Psicologia Educacional, Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE/ UNISO), <http://orcid.org/0000-0002-8800-6575>, [vilma@nista.com.br](mailto:vilma@nista.com.br)

\*\*\* Doutor em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (PPGE/ UFTM), <https://orcid.org/0000-0002-3705-9319>, [weymoreira@bol.com.br](mailto:weymoreira@bol.com.br)

desporto como algo só possível de prática aos mais eficientes e dotados de uma motricidade privilegiada, para o entendimento do direito ao desporto, bem como ser este um fenómeno de significado e abrangência que vai além do sentido das mazelas e dos problemas a ele relacionados e amplamente divulgados pelos setores de comunicação. É necessário entender o fenómeno desportivo como possibilidade de aprendizagem e do desenvolvimento de valores morais e éticos.

Por isso, pode-se afirmar que o alargamento do conceito de desporto a chegar entre nós, foi a produção de Cagigal (1996) reunida em três grandes volumes, com seus textos desde a década de cinquenta do século passado tematizando, entre outros enfoques: o desporto na sociedade atual; homens e o desporto; desporto, pedagogia e humanismo.

Iniciamos por esse autor considerando que o mesmo, apesar de não buscar a formulação de uma Ciência do Desporto, colocava esse fenómeno em diálogo com outras áreas do conhecimento humano, no mesmo patamar, ou em semelhante abrangência, de outras ciências já consagradas, como pode ser observado em Cagigal (1996, p.900):

[...] el estudio científico cultural del deporte hace en definitiva llamada a la filosofía – si es que el deporte, em una acepción rigurosa de la filosofía, puede ser objeto de ella -. Se impone, sobre todo, el estudio interdisciplinar y, más aún, intercultural. Para entender la realidad social del deporte y la conducta humana deportiva, no bastan desde logo la sociología y la psicología.

Teóricos do fenómeno esportivo, aqui mencionados apenas alguns de língua portuguesa, tal qual o autor anteriormente mencionado, desde a segunda metade do século passado já se preocuparam com esta revisão. Tubino (1992, p.12) mencionava a proposta contestatória do sentido hegemônico do esporte de alto nível, indicando que “[...] o movimento *Esporte para Todos* [...] possibilitou grandes campanhas de valorização das práticas esportivas, reforçando muito o aumento da abrangência do renovado conceito de esporte.” Diz mais esse autor que o novo enfoque permitiu entender o esporte em um contexto mais educacional, visto como um direito de todos.

Ainda no mesmo período referido, Bracht (1987, p.188) ao tecer argumentos sobre as possibilidades ingênuas do conhecimento e prática do esporte para crianças na sociedade capitalista, muito difundidas e até justificadas para a presença do esporte na escola como prática adestrante, contra argumenta instigando os professores de Educação Física a procurar

[...] desenvolver um esporte em que o princípio do rendimento e da competição discriminatória (melhores e piores), do esforço pessoal e individual (às vezes associado) para vencer o adversário, não seja o

norteador principal deste, desenvolvendo um esporte em que se busca o jogar com e não contra o adversário, um esporte onde se busca insistentemente o desenvolvimento do coletivismo (priorização do coletivo ao individual, incluindo o adversário/companheiro) [...].

Outro teórico a se pronunciar sobre o desporto nos anos finais do século passado, Sergio (2003), também reconhecia o desporto como conhecimento científico, mas em sua visão como um dos ramos de sua proposta denominada Ciência da Motricidade Humana (CMH), ciência esta que substituiria a chamada Educação Física, a qual passaria a ser considerada pelo autor como a pré história da CMH. O mesmo autor defende uma teoria crítica do desporto, justificando isto da seguinte forma: “O facto de se privilegiar o desporto tal se deve ao facto de ele ser uma forma social da motricidade humana, de indiscutível popularidade.” (SERGIO, 1996, p. 145)

Já adentrando especificamente em nosso século encontramos publicações alojadas no tema desporto em sua abrangência de significados, bem como com preocupações voltadas à formação profissional.

Ao se referir ao desporto, Moreira (2012a, p. 114) destaca que

[...] este é perene na história da sociedade ocidental e pode ser entendido como uma ação intencional humana na direção do conhecimento e prática de exercícios físicos sistematizados em que há regularidade e controle, respeitada a história do fenômeno esporte. Vê-se que esta interpretação do conceito é bem mais abrangente que simplesmente conhecer e praticar modalidades esportivas.

Soma-se a esta interpretação o sentido que Bento (2006a, p.155) dá ao desporto, entendido este como “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”.

As conceituações referidas anteriormente permitem aos profissionais da Educação Física um caminhar no sentido de (re)significar o entendimento e o exercitar das práticas pedagógicas no que diz respeito ao desporto, superando a histórica visão simplista de ser este sinônimo apenas de prática de modalidade esportiva na forma de performance atlética de alto rendimento conseguida através da vivência de exercícios exaustivamente repetidos.

O desporto concebido desta forma simplista exigiu uma formação profissional em Educação Física calcada na visão de corpo mecânico, descontextualizada quanto aos possíveis significados históricos deste fenômeno, propiciando intervenções pedagógicas acríticas, tanto no que diz respeito aos possíveis engajamentos históricos e culturais, quanto no que se possa conceber como a busca de um novo humanismo. Entre as publicações que constataam a

concepção simplista temos Moreira (1995) quando apresenta ações de professores de Educação Física na escola, em que é altíssimo o grau de convergência: no trato dos alunos como objetos das ações pedagógicas; do corpo como algo a ser adestrado; no entendimento da Educação Física como portadora de conteúdos a serem vivenciados mecanicamente; da participação apenas dos mais aptos no Desporto, como conteúdo hegemônico.

Outra fonte de constatação desse quadro é Nista-Piccolo (2011), quando discute a respeito da formação de professores e confirma a premissa inadequada da formação profissional na área revelando a falta de contextualização dos conteúdos abarcados nos cursos de graduação, o que tem enfraquecido a percepção que os profissionais da área têm dos seres humanos, dos valores impressos nas práticas desportivas, e da sociedade em que eles vivem.

Pensar no Desporto como fenômeno amplo e plural é algo que se mostra complexo, razão da não possibilidade de uma análise simples desse fenômeno. O Desporto pensado como contribuição para a humanização dos homens deve ser mais do que simplesmente treinamento de fundamentos técnicos, mais que a prática pela prática pura e simples.

A vivência esportiva favorece o aperfeiçoamento da humanidade, daí seu valor social. Para um praticante de esporte, ou um atleta de uma determinada modalidade esportiva, aperfeiçoar sua humanidade não basta que jogue melhor, que seja mais perfeito em seus gestos motores. É fundamental a incorporação da consciência ética. Ser mais humano não é apenas se aperfeiçoar técnica, tática e motoramente por meio de pressupostos científicos, se bem que isso não significa abandonar ou mesmo desprezar instâncias. [...] (NISTA-PICCOLO; MOREIRA, 2012b, p. 27).

A maneira como o Desporto é interpretado e “utilizado” na sociedade o restringe a apenas parte do que ele poderia oferecer como meio facilitador da formação humana. Bento (2004) escreveu que poucos são os que conseguem idealizar o Desporto como ele mereceria, mesmo porque não há interesse da mídia em ocupar-se dele nesta perspectiva séria de valores humanos. Isto não produz lucro e nem aumenta a audiência dos meios de comunicação.

Talvez essas percepções e concepções limitadas a respeito desse fenômeno cultural se devam à formação restrita e repleta de divergências, que ao invés de ampliar o conhecimento e suas respectivas aplicações, tem gerado contradições a respeito das suas possibilidades.

O que até agora foi apresentado, constitui-se em questionamentos geradores que nos inquietam: Será possível, no momento atual, buscarmos para o alargamento do conceito do Desporto, superando a histórica visão simplista de prática de modalidade esportiva? Ampliar o entendimento e a interpretação do Desporto pode contribuir para uma formação profissional em Educação Física que esteja centrada na busca de um humanismo moderno?

Além do mais, como qualquer conhecimento científico, a Ciência do Desporto deve estar ao alcance de todos e fomentar o entendimento de uma educação da cultura, que dentre outros pontos, possibilite os seres humanos se movimentarem no sentido de encontros, de vivenciarem o prazer do lúdico presente no ato de jogar, de conseguirem exercitar a motricidade visando a auto superação, de lutarem por vitórias nas quais a derrota não signifique a opressão dos derrotados, de desenvolverem uma disciplina para alcançar objetivos propostos sem que isto seja entendido como controle corporal ou submissão a determinados poderes dominantes. Um Desporto com esta conotação poderia alterar a formação profissional em Educação Física.

Daí a razão deste estudo que tem como objetivo trazer uma visão mais aprofundada do Desporto no contexto da formação profissional na área de Educação Física, fundamentado nas produções acadêmicas de Jorge Olímpio Bento, um dos principais teóricos e gestor por muitos anos da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, bem como suas ideias que influenciaram vários pesquisadores do tema, inclusive no Brasil.

Pesquisadores e autores que, sejam da Educação, da Educação Física ou da Saúde (AMADIO; TANI, 2013; GAYA, 2012; GAYA; GUIMARÃES, 2013; GRECO, 2010; FUNARI, 2013; MARTINS, 2010; MONTAGNER; SCAGLIA; PAES, 2013; MOREIRA, 2012b; PRISTA, 2013; SIMÕES, 2013; SOBRINHO, 2012; TANI, 2012a; 2012b) mencionaram a importância das obras de Jorge Bento, destacando o foco de suas reflexões baseadas em princípios e valores essencialmente humanos. Muitos destes autores reconheceram a representação fundamental de Jorge Bento ao trazer reflexões sobre a formação de professores e a necessidade de pensarmos melhor o SER professor, independentemente, do campo de atuação, ampliando a visão sobre as possibilidades e potencialidades do Desporto em nossas práticas docentes. Assim, as provocações apontadas em forma de questionamentos, não têm a ideia de respondê-los, mas sim, incitar reflexões a respeito dos temas.

Estruturamos o texto em dois momentos: no primeiro, apresentamos uma interpretação do fenômeno desportivo, desde o que pode o Desporto significar para o sentido de humanização até afirmar a sua abrangência que é maior que a história da área da Educação Física; no segundo, exaltamos a importância desse novo enfoque do Desporto para a formação profissional em Educação Física.

É oportuno esclarecer que optamos pelo termo Desporto por respeitar a gênese latina da expressão a qual, inserida, por exemplo, na língua espanhola configura-se como *deporte* e na língua portuguesa apresenta-se como Desporto.

## 2 O Desporto para além da Educação Física

O fenómeno desportivo é mais perene na história ocidental e, atualmente, tem um significado e abrangência bem maior que a tradicional Educação Física, que quase sempre considerada como uma disciplina curricular na escola formal fruto da formação profissional em licenciatura, única opção de graduação da área até a década de oitenta do século passado. Isto já nos mostra Bento (2006c, p.3-4)

A ‘educação física’, sendo sobremaneira importante e basilar, é tão-somente uma parcela do desporto: mais não é do que a disciplina escolar que está incumbida de instruir, introduzir e educar nessa área. É de resto uma disciplina com designação muito pouco precisa e algo equivocada. [...] sem matéria de ensino e sem aprendizagens condizentes, não há nenhuma disciplina que justifique a razão de figurar no cânone das disciplinas escolares. De onde provém a grossa fatia dos conteúdos e habilidades que se ensinam na disciplina de educação física e as capacidades que nela se devem desenvolver? Obviamente do desporto; é este que a justifica. Sem se referenciar a ele, ela seria inócua, não teria razão de existir. Logo a designação desta área escolar é imprópria e é por isso fonte e objeto de orientações equivocadas.

Percebe-se que para o autor a Educação Física é parte do Desporto e se justifica a partir dele. É possível ensinar conteúdos nas aulas de Educação Física, entendida como disciplina escolar, originados no Desporto. Ele é a base de construção da Educação Física.

O Desporto é

[...] um construto que se alicerça num entendimento plural e num conceito representativo, agregador, sintetizador e unificador de dimensões biológicas, físicas, motoras, lúdicas, corporais, técnicas e táticas, culturais, mentais, espirituais, psicológicas, sociais e afetivas. O ato desportivo tem implícito tudo isso, sem o esgotar. Assim o ‘desporto’ encerra um sentido abrangente e maior, e não redutor e menor, como aquele que está contido na expressão ‘educação física’ ou na do ‘movimento’ ou noutras quejandas e afins (BENTO, 2006c, p. 03).

Pode-se dizer que há certa indução da própria comunidade acadêmica sobre o pensamento fragmentado tanto na Educação Física como no Desporto. Assim, trazer novos significados pode ser um tanto incômodo. Além do que, há uma influência econômica que vem transfigurando o sentido e a função desse fenómeno.

Prova disso pode ser verificada quando associamos os temas Desporto, sociedade, economia e ética, identificando aí denúncias desse encontro, todas apresentando provas e argumentação dos desmandos e das irregularidades. Um dos mais recentes trabalhos publicados é de autoria de Jennings (2011) no qual apresenta falcatruas descobertas no interior do mundo da FIFA, entre as quais a compra de votos e escândalo de ingressos, assunto esse bem propício para o momento no Brasil. Os títulos dos temas tratados na obra desse autor já podem dar noção do que nela se encontra, são eles: “a casa da FIFA está pegando fogo”; “envenenamento, apreensão de drogas e sequestro”; “seduzir e desestabilizar”; “caçando as propinas”; “mentiras, adultério e invencionices”, dentre outros.

Bento (2013) enfatiza que o Desporto é interpretado atualmente a partir das conveniências da economia e das intrigas que o cercam. Essa visão evidencia uma influência da mídia sobre a concepção de Desporto na sociedade, deixando de apresentá-lo como uma prática educativa de grande importância pedagógica para o aprendizado de valores. Essa perda de sentido advém da pobreza de experiências e vivências que o ser humano se submeteu nos últimos anos. Isso demonstra que o Desporto tem caminhado num sentido oposto aos de uma escola de virtudes, pois os valores morais e éticos têm sido descartados das práticas desse fenômeno.

Também não é novidade que a ética e a moral caminham há muito tempo distantes das instituições de ensino. A própria formação docente não tem se preocupado com a função educativa do “ser professor”. Prova disso são as imposições quantitativas de produtividade sobreporem as necessidades epistêmicas dos cursos (TANI, 2016), sejam de graduação ou pós graduação, ou as disciplinas serem escolhidas e elencadas de acordo com a formação dos docentes ou de suas preferências (SOBREIRA, 2015; MONTEIRO; NISTA-PICCOLO; SOBREIRA, 2016) e não de acordo com os contextos e necessidades da formação pretendida.

Para Bento (2008) é necessário que a ciência e a formação caminhem pelas mesmas avenidas, sempre juntas, no sentido de preparar profissionais mais humanos que possam e queiram auxiliar nas soluções de possíveis obstáculos socioculturais presentes em nosso cotidiano. Ambas devem se atentar para o mundo e identificar as modificações que este sofreu nos últimos tempos e, projeta alterações apropriadas em direção ao futuro.

Na produção do conhecimento, como pode ser identificado nos critérios de qualificação acadêmica em quase todo o mundo, não há mais valor para a transcendência daqueles que a produzem, e a finalidade está na relação de produtividade e competição pelo

número de produções e citações (BENTO, 2009a). Dessa forma, a contribuição da ciência à realidade encontrada na sociedade mostra-se incompetente e inócua. Na mesma perspectiva caminham as intervenções do Desporto, aplicadas nos espaços formais e não formais.

Sobre esses caminhos que a ciência navega nos últimos tempos, o autor aponta para a exacerbação da competição, reduzindo a preocupação de aconselhar a sociedade na busca de critérios para se estabelecer liberdade e felicidade. O lema é produzir, “progredir ou perecer”. (BENTO, 2009b, p. 05)

Em relação à Ciência do Desporto, constata-se que ela não ficou imune a esta tendência, demonstrando que a valorização histórica de suas produções esteve centrada no alto rendimento, no Desporto competitivo, no trabalho com atletas de ponta, deixando para um segundo plano o sentido mais amplo do Desporto, dificultando o entendimento e o acesso a este como possibilidade de fruição do prazer, de vivências nos momentos de lazer, de perspectivar encontros e vivências coletivas. Quando muito, a participação no mundo do Desporto seria resumida em assistir aos espetáculos desportivos.

Reverter e (re)significar o Desporto significa entendê-lo como “um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”. (BENTO, 2006a, p.155)

O Desporto, (re)significado e trabalhado na escola é propício para o enaltecimento de valores éticos, porque o bom Desporto estará a “serviço da vida, da integridade biológica, psíquica e espiritual dos que o configuram”. (BENTO, 2013, p.270)

Enquanto instrumento pedagógico, o Desporto pode favorecer a autonomia, a autodeterminação, a assunção da responsabilidade, o crescimento moral do indivíduo e da coletividade, enfim, deve ser o local apropriado para o cultivo da humanidade. Ao ser encarado e estudado desta forma, deixará de ser reduzido a simples entretenimento e a mera mercadoria. Ele pode e deve animar sonhos, criar símbolos, propor ideais, estabelecer princípios, construir honestidade, propor risos, efetivar a vivência do jogo da vida.

Essa nova interpretação do Desporto pode auxiliar a redefinirmos alguns termos, como por exemplo, a competição, muito presente no universo desportivo e utilizado de forma inadequada ao longo do tempo na Educação Física. Ao (re)significar o Desporto, a competição torna-se base e pressuposto para a cooperação. Pode-se afirmar que quem não sabe competir também não saberá cooperar. Na ética do jogo, fator imprescindível para a

prática do Desporto, a cooperação e a competição propiciarão a vivência destas ações entre pessoas, entre instituições e mesmo entre cidades e países.

Outro termo, e mais ainda o seu sentido, que pode ser revisto no mundo do Desporto é a expressão “técnica”, utilizada como um fim maior de adestramento ao longo do tempo pela Educação Física. Para isso recorreremos mais uma vez a Bento (2006a) quando afirma ser a técnica, algo acrescido ao ser humano como uma espécie de “segunda natureza”, fonte de “criatividade e inovação”. Ademais, ela possibilita perfeição e inspiração. Serve para o cultivo da beleza, da leveza, da elegância e não apenas para a eficácia dos movimentos. Lembra o autor que sem a técnica não “[...]se escrevem poemas, não se compõem melodias, não se executam obras de arte, não se marcam gols, não se conseguem cestas e pontos[...]”. “Sem a técnica não há estética[...]”. “Enfim, sem técnica não logramos ser verdadeiramente humanos. Nem no corpo, nem na alma”. (BENTO, 2006a, p.157)

A Ciência do Desporto pode fornecer o entendimento e os valores que devemos cultivar como seres humanos, dentre os quais mencionamos, numa espécie de síntese de Bento (2013, p. 99): colocar paixão e emoção no que se faz; exercitar a disciplina e gerir bem o tempo da vida no dia a dia; saber interagir com os outros, sejam eles companheiros de equipe ou adversários; desenvolver a capacidade de persistência, considerando que a vida é ao mesmo tempo bela e dura; incorporar o risco de tomar decisões; habituar-se a assumir responsabilidades e o sentido de liderança; cultivar a imaginação, a criatividade e o otimismo.

Se o Desporto vem sendo capturado nas redes do mercado, é dever dos profissionais que se formam na área reavivar o projeto cultural e educacional do Desporto moderno, proposto por Coubertin (BENTO, 2012b) na passagem dos séculos XIX para o XX, estruturado nos ideais do humanismo. A tarefa não é fácil, mas extremamente necessária.

Como estamos a associar Ciência do Desporto e formação profissional em Educação Física, devemos ressaltar que não se vê problemas epistemológicos em associar o Desporto aos diversos campos de atuação da Educação Física, como a escolar, às outras práticas corporais e à saúde, desde que essa associação não seja impregnada de conceitos e limitações biologicistas.

No desporto também se cuida da saúde e da ‘condição física’, mas com outra abrangência. Tal como não preparamos a comida só para nos alimentarmos, mas para estimular, desenvolver e apurar a nossa inteligência e sensibilidade gustativa, dando assim à culinária um estatuto de cultura e arte; também não fazemos desporto só para nos mexermos, mas para darmos aos nossos movimentos e sentimentos uma roupagem civilizacional e cultural. É precisamente nisto que se funda o desporto (BENTO, 2012b, p. 70).

Na mesma direção revelada anteriormente, Moreira (2012a) indica que a formação profissional em Educação Física extrapola, há muito tempo, os muros escolares, havendo a preocupação com a saúde, com o sentido mais amplo do termo inclusão e com o fazer pedagógico sendo vivenciado nos mais variados locais, dentre eles nas academias, nos clubes, nas áreas de lazer, abarcando as mais diferentes faixas etárias.

Para Moreira e Nista-Piccolo (2010) não basta uma ampla variação de campos de atuação se os profissionais não derem conta de priorizar o ensino das relações entre os indivíduos e com o mundo, superando concepções exclusivistas de pura técnica de movimento.

Justificamos a adoção do entendimento até aqui colocado de Ciência do Desporto para nortear a formação profissional em Educação Física visando superar a tendência de incentivo à “prática de atividades físicas”, como a busca apenas do condicionamento físico e da prática pela prática sem significado para quem pratica. Afinal, o ser humano, enquanto vivo, está em atividade física, em movimento e esta condição existencial deve ser preocupação de todas as áreas científicas.

Bento (2006b) faz diversas críticas a essa terminologia (prática de atividades físicas) e ao simplismo que este termo trouxe à verdadeira identidade do Desporto:

[...] ‘Actividade física’ é accionismo natural; desporto é acto cultural. Ela é imanência da nossa condição; ele é prótese criada pela civilização. Ela é ditada pelo peso da excrecência; ele provém da noção de insuficiência. Desporto é algo mais e além; ela é algo menos e aquém. Nele moram a consciência da falta de forças e capacidades e a vontade da sua criação e exaltação; ela cinge à conformação, limitação e resignação. Ele aponta a lonjura e o cume da elevação; ela contenta-se com um umbigo e um olhar o chão. Nele enfrenta-se o vento e as marés; nela gasta-se o tempo e os pés. Ele quer fazer do corpo uma encarnação do espírito e inteligência; ela satisfaz-se em queimar gordura e aligeirar a indolência. Ele é marco civilizacional; ela é moda ocasional (BENTO, 2006b, p. 261).

No imaginário social atual, passa-se a ideia de que as atividades físicas são as únicas resoluções dos diversos problemas relacionados à saúde das pessoas. Com isso, perde-se a essência que o Desporto traz em seu âmago, como explica Bento (2007b, p.05) “[...] os atos desportivos somente são físicos na aparência; na sua essência são sempre decisões e exercícios da vontade. Ademais nele não se faz o que se quer, mas quer-se o que se faz.”

Não é possível o Desporto como instrumento de cura e prevenção de doenças, numa abordagem exclusivamente clínica e médica. É preciso ressaltar o fenômeno sócio cultural do

Desporto numa dimensão educacional. As experiências desportivas, em seu sentido amplo, devem ir além de práticas de modalidades esportivas, vivenciadas nas escolas, nos clubes, nos parques das cidades, e serem incorporadas como vivências significativas, o que exige certo grau de reflexão. Realizar exercícios físicos sistematizados, com regularidade, controle e de forma intencional não pode ser confundido com ‘malhação’.

A formação docente em Educação Física deveria proporcionar noções básicas e uma estrutura mínima para o conhecimento plural que o Desporto pode ter na atuação de seus futuros profissionais.

A Universidade é o espaço de produção de novos conhecimentos, onde docentes tem a função de preparar novos profissionais e criar meios de discussões e reflexões sobre a realidade social, pesquisando para atender às necessidades da sociedade, assim como analisar os fenômenos que nela acontecem. Devem propiciar debates que se traduzam em novas concepções, indo além dos modismos, com as funções de informar e formar os indivíduos para a vida como um todo. É nessa perspectiva que se espera a construção de novos conceitos sobre o Desporto.

[...] Assim a formação e a investigação almejam ser um sistema de ideias vivas que represente o nível superior de desafios, ideais e anseios próprios de cada era. Atribuem-se a *incumbência de formar pessoas cultas* que se meçam e sobreponham ao seu tempo, abertas à compreensão dos problemas, das suas causas e consequências; e disponíveis para todo o esforço de ser autêntico, de criar as suas convicções, para não se deixarem aprisionar nas certezas e nos dogmatismos e fanatismo dos mais distintos matizes (BENTO, 2008, p. 172).

Para que se estabeleça a autonomia da área de conhecimento que forma o profissional da Educação Física, uma das possibilidades interessantes é nos apropriarmos da Ciência do Desporto. Se caminharmos na trilha da “atividade física e saúde” estaremos, inevitavelmente, nos tornando sucursal da área da medicina e atrelada como uma subunidade desta e “contribuindo para que os seus quadros passem a desempenhar o papel subalterno de executores de receitas prescritas pelos doutores da arte do Galeno.” (BENTO, 2012b, p.18)

A Ciência do Desporto propõe o trabalho com o ser humano a partir da corporeidade e da complexidade e não tem como preocupação central a “atividade física”. A corporeidade é uma unidade complexa, assim como a sociedade. Se esta comporta dimensões históricas, econômicas, religiosas e outras, a corporeidade é ao mesmo tempo biológica, psíquica, social, afetiva e racional. Todas essas dimensões devem ser tecidas juntas na formação profissional em Educação Física. (MOREIRA et al., 2006)

Advogar a Ciência do Desporto como matriz imprescindível para a formação profissional em Educação Física é entender o fenómeno desportivo em sua amplitude, em sua axiologia, em sua caracterização epistemológica, tudo isto como possibilidade de transcender a concepção hegemônica de esporte presente em nosso meio, bem como criar a oportunidade de não estarmos subjugados enquanto profissionais aos ditames da tecnologia e dos valores econômicos e consumistas presentes na globalização da sociedade moderna.

É preciso entender que uma formação pautada nos valores educacionais deve intervir simultaneamente no plano da razão (saberes e conhecimentos) e da vontade (sentimentos, afetos e desejos). E, compreender que somos impulsionados a nos mover por valores quando nos apaixonamos por eles, se os fizermos nossos, integrando-os na carne e no sangue de nossos desejos (BENTO, 2013).

### **3 A Formação de Professores**

No Brasil, há autores (MOREIRA, 2012a; NISTA-PICCOLO; SOBREIRA, 2016; SOBREIRA, 2015; SOBREIRA; OLIVEIRA; NISTA-PICCOLO, 2016; TANI, 2016) que se preocupam com a discussão a respeito da formação de professores em Educação Física, seja ela inicial ou continuada. Citamos estes porque são aqueles que buscam nas obras de Jorge Bento um embasamento nas questões humanas apresentadas por esse autor, ao relatarmos suas preocupações acerca dessas formações.

Ao nos referirmos à formação de professores, impõe-se questionar qual a função da Universidade na sociedade em que está inserida. Muitos, ainda hoje, entendem que ela se destina exclusivamente a capacitar alunos no domínio do conhecimento científico. Uma ideia falaciosa. A universidade, enquanto propagadora da universalidade do saber, além de refletir sobre ele e de produzir conhecimento no sentido restrito da palavra, tem como missão potencializar o saber a respeito do humano, da cultura, da ética e da moral. A falta deste sentido, provavelmente, propiciará perdas no campo educacional e permite o aparecimento de uma nova dicotomia: homem x profissional.

Antes havia conhecimentos a menos e desejava-se saber mais. Aprendia-se com esforço, disciplina, rigor e dificuldade; exigia-se muito e era custoso e árduo. Hoje há saber acumulado, mas sumiu a necessidade de aprender tanto e de despender energias com esse fim. [...] Em vez de 'Humanistas' passamos a ter 'profissionais' técnicos sem qualquer teor intelectual do que têm a dizer ou fazer, idiotas avessos à dor e ao fastio de reflectir e aptos a aceitar e seguir, sem pensar, o primeiro *condutor* que surgir. [...] (BENTO, 2007a, p. 286).

A formação profissional possui um valor minimizado a partir do momento em que a aplicação do conhecimento adquirido não se mostra eficaz, sem que se faça prevalecer o humano do profissional, o que demonstra a perda da principal função da instituição de ensino. Podemos afirmar que hoje as Universidades estão a graduar profissionais especialistas e não graduados com uma dimensão humana e que até pode vir a ser um especialista. Prova disto pode ser encontrada nas seguintes inquietações: Quais disciplinas nos cursos de graduação discutem e mesmo exercitam reflexões sobre o ser humano, a sociedade e a cultura na maioria das áreas de formação universitária? Qual a comparação do tempo destinado a esse conhecimento se comparado ao tempo atribuído às disciplinas de cunho profissionalizante?

Estudos desenvolvidos no Brasil (MONTEIRO; NISTA-PICCOLO; SOBREIRA, 2016; NISTA-PICCOLO, 2010; NISTA-PICCOLO; SIMÕES; OLIVEIRA, 2015; SOBREIRA, 2015; SOBREIRA; OLIVEIRA; NISTA-PICCOLO, 2016;) investigaram a formação de professores em Educação Física em todas as instituições que oferecem essa licenciatura em todo o estado de São Paulo e Minas Gerais, os dois maiores colégios de formação do país. Eles relataram vários apontamentos para a melhoria dessa formação docente, sugerindo mais discussões a respeito. Os estudos demonstraram que há pouca ênfase na formação docente, pois na análise das estruturas curriculares dos cursos existem prioridades em especializações, que não vão ao encontro da formação básica a que se destinam, há pouca ou nenhuma contribuição para as questões pedagógicas da formação.

Observaram nas pesquisas apresentadas que a verdadeira essência do “formar professores” ficou perdida em meio aos conteúdos específicos da área, já que “ ‘formar-se’ é acrescentar formas sempre novas e superiores às originais, antigas e anteriores, que se vão gastando e tornando caducas, para nos revestirmos de formas sempre mais adequadas, buriladas e exigentes [...]” (BENTO, 2012a, p. 105)

E, a ideia de superficialidade do conhecimento pode ultrapassar os muros dos cursos de graduação e atingir programas de Pós-graduação. Embora exista maior rigor na avaliação desses programas do que nas autorizações e reconhecimentos de cursos que graduem profissionais, pode-se dizer que o controle ainda se pauta em dados quantitativos, e deixam de analisar a qualidade da formação que está sendo oferecida (MOREIRA; TOJAL, 2013; 2009; TANI, 2016). Assim, questiona-se: Será esse o perfil necessário para professores da área?

[...] Pelo contrário. Esta hora exige a formação de quadros realmente ‘superiores’; ilustrados e iluminados para exceder e transcender a vulgaridade e banalidade, hermeneutas capazes de inteligir a sua área e de a situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, à altura do seu tempo;

disponíveis para viver a sua inteligência a para viver a partir dessa faculdade maravilhosa que é a de percebermos a nossa própria limitação (BENTO, 2008, p. 172).

Percebe-se que a alta especialização profissional permitiu que novos mestres e doutores se abstivessem de conhecimentos enriquecidos por bagagens filosóficas que lhes dão sentido. Sem aprofundamento na essência primária do conhecimento, esses novos profissionais provavelmente não conseguirão produzir ciência nem formar pessoas capazes de transformar a realidade.

É evidente a pobreza filosófica e cultural de muitos mestres e doutores nos mais variados programas de Pós-graduação pelo mundo todo. Isto também se constata na área da Educação Física em nosso país (TANI, 2016). Bento (2008) enfatiza que um mestre ou um doutor deve estar capacitado a responder algumas perguntas que são primordiais: O que; para que; como e por quê? Missão impossível sem a ajuda da Filosofia.

Com a formação em Educação Física não é diferente. Instituições de ensino formal têm graduado profissionais nessa área com foco maior nas práticas desportivas, sem, contudo, concentrar uma formação pedagógica baseada em princípios filosóficos, distanciando a Educação desse fenômeno cultural.

É sabido que o desporto tem um sujeito plural: praticantes, alunos, professores, treinadores, dirigentes, jornalistas, juízes, espectadores, instituições (escolas, clubes, academias, estúdios, associações e federações etc.). Todos esses sujeitos devem ser encarados e desafiados a assumir-se como entidades pedagógicas. E todos devem ser vistos e responsabilizados como figuras éticas e morais (BENTO, 2006b, p. 28).

A fragmentação do conhecimento promovida nos cursos de formação dos setores institucionais causa a conseqüente fragmentação das funções educacionais, sendo comum que alguns docentes assumam a responsabilidade de oferecer uma visão pedagógica de temas contemplados na estrutura curricular, enquanto outros têm apenas a função de ensinar questões conceituais e procedimentais de temáticas específicas, numa pura transmissão de conhecimento. Com isso, as questões pedagógicas ficam minimizadas diante da importância das especialidades dos cursos superiores, distanciando também os valores e a ética das práticas pedagógicas.

Por comparação com o passado, a pluralidade do desporto é hoje sustentada por um enorme crescimento e alargamento dos seus cenários, modelos e formas, dos seus sentidos e fins, das causas e motivos e das pessoas e grupos que o praticam. Em todos os novos – e cada vez mais importantes – locais e espaços de prática desportiva acontecem processos de educação e formação

que merecem um esforço de configuração pedagógica (BENTO, 2006b, p. 28-29).

Independente da área de atuação entende-se que as questões didático-pedagógicas precisam estar presentes na prática dos profissionais de Educação Física e não apenas daqueles que atuarão na Educação Básica.

Nista-Piccolo e Moreira (2012b, p. 93) destacam a ideia de formar professores conscientes que trabalharão com seres humanos, concebidos em sua totalidade e historicidade. Ressaltam que essa é uma tarefa complexa. Além disso, afirmam que dentre as várias preocupações que a formação de professores deve ter, inclui dar “[...] um valor significativo para a prática pedagógica”.

Em um estudo a respeito da formação profissional em Educação Física, Gordo e Moreira (2011, p. 239) reforçaram essa visão:

[...] dentre os vários aspectos inerentes à Educação Física, há uma grande relevância que é o estabelecimento da ação pedagógica em qualquer área de atuação, seja ela escolar ou não escolar. E mais, que o trato pedagógico só se diferencia na ênfase que lhe é atribuída, de acordo com o campo de atuação do profissional e os objetivos a atingir [...].

Nista-Piccolo (2011) afirmou que pensar na formação em Educação Física nos remete a refletir na complexidade que essa formação exige, não bastando aos cursos de graduação transmitir informações aos futuros profissionais, sem a contextualização delas. E confirma que a contratação de grandes nomes da área, também não garante uma boa formação aos acadêmicos, assim como a adesão às novas tecnologias, sendo necessário que a educação inicial desses profissionais ultrapasse a simples aquisição de conhecimentos. É preciso formar profissionais com postura de educador.

Cabe aqui fazer referência a uma citação da obra de Bento e Moreira (2012), a qual nos remete à reflexão do tipo de professor que estamos moldando, de acordo com o perfil profissiográfico desenhado nos cursos de graduação. Isso nos permitiria repensar até que ponto nossos horizontes estão abertos à qualificação de nossos conhecimentos e das nossas práticas pedagógicas que contribuem não apenas para a atuação profissional, mas para o aperfeiçoamento da ciência que construímos diariamente:

Dantes os homens podiam facilmente dividir-se em ignorantes e sábios, em mais ou menos sábios ou mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser subsumido por nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio porque ignora formalmente tudo quanto não entre na sua especialidade: mas também não é um ignorante porque é ‘um homem de ciência’ e conhece

muito bem a pequeníssima parcela do universo em que trabalha. Teremos de dizer que é um sábio-ignorante – coisa extremamente grave, pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem, na sua especialidade, é um sábio (ORTEGA Y GASSET, 1883-1955 apud BENTO; MOREIRA, 2012, p. 41).

Para Nista-Piccolo e Moreira (2012a, p.49), o professor educador deve se preocupar com a atualização do seu conhecimento, sem que se mostre como o único detentor do saber. Para isso ele precisa constantemente repensar sua atuação de acordo com o público que atende, criando “[...] situações de aprendizagem, promovendo caminhos facilitadores aos seus alunos”.

Da mesma forma, ensinar práticas desportivas exige que o professor seja um pesquisador de seu próprio aluno, identificando suas facilidades e dificuldades, da compreensão à execução.

É possível finalizar este escrito com uma preocupação apresentada por Bento (2004), a respeito da simplicidade como o Desporto tem sido trabalhado, interpretado e vivenciado. Essa preocupação se estende ao ser humano, que continua engessado e enclausurado nas concepções limitantes dos conhecimentos adquiridos e padronizados pela nossa sociedade por meio dos profissionais da Educação Física.

Sinto-me a procura de algo que me foge por entre os dedos, sem, no entanto, saber defini-lo concretamente. Sei bem que o mundo hoje é feito de ciência e tecnologia. E que, por via disto, abundam nele fórmulas e palavras exatas, cheias de sentido e razão, mas vazias de sensações e sentimentos. Como se fossem algarismos digitalizados, imunes ao frio e ao calor, à alegria e à dor, à dúvida e à incerteza (BENTO, 2004, p. 31).

#### **4 Considerações Finais**

Foi proposta inicial deste escrito, associar a importância da Ciência do Desporto para a formação profissional, em especial, para a formação de professores na área da Educação Física.

Justificamos com argumentos retirados do fenômeno esporte, baseados nas obras de Bento, entendido este num sentido mais amplo e que deve recuperar os sentidos axiológico e epistemológico confinados a um segundo plano já há algum tempo.

O propósito é complexo e exigirá uma atitude plural quanto aos determinantes filosóficos, solicitando dos profissionais da área atitudes críticas e sem dogmatismos.

Mais uma vez deve ser destacado, apoiados no pensamento de Moreira (2012a, p.174), que a Ciência do Esporte quando destinada à ação pedagógica exercida na escola formal deve

[...] capacitar professores para desenvolver teorias e práticas esportivas que reforcem ideias de solidariedade, de aprendizagem social, de auto-organização, de atitudes éticas e estéticas. É necessário aproveitar melhor o potencial social e educativo do fenômeno esportivo.

Mãos à obra, pois!

### Referências Bibliográficas

AMADIO, A. C.; TANI, G. Saudações. In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. pp. 14-15.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. In: OLIVEIRA, V. M. de. (Org.) **Fundamentos pedagógicos educação física 2**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987. pp. 180-190.

BENTO, J. O. Acerca das reformas em curso na Universidade. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Dez 2007(a), vol. 7, no.3, p. 283-287.

BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas, SP: Papirus, 2006(a). pp. 155-182.

BENTO, J. O. **Corrida contra o tempo**: posições e intervenções. Belo Horizonte: Casa da Educação Física e Unicamp – Centro de Estudos Avançados, 2012(a).

BENTO, J. O. Da conjuntura corporal e do ambiente obesogénico, relaxado e indolente. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Jan. 2007(b), vol.7, no.1, p. 3-5.

BENTO, J. O. Da falácia da ‘atividade física’. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Out 2006(b), vol. 6, no.3, p. 259-261.

BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013.

BENTO, J. O. Desporto e humanismo: o campo do possível. **Ação e Movimento**, março/abril 2004; 1(1). p. 30-38.

BENTO, J. O. Do corpo de do activismo na conjuntura de mercado e consumo. **Rev. Port. Cien. Desp.**, 2009(a), vol. 9, no. 2-3, p. 203-227.

BENTO, J. O. Esclarecimentos e Pressupostos. In: TANI, G; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. de S. (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006(c). p. 3-11.

BENTO, J. O. Formação de Mestres e Doutores: Exigências e Competências. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Abr 2008, vol. 8, no.1, p. 169-183.

BENTO, J. O. Não ir na onda – correr contra o tempo. **Rev.Port. Cien. Desp.**, Jan 2009(b), vol.9, no.1, p. 3-6.

BENTO, J. O. Pelo regresso do desporto: ensaio epistemológico. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo Sportivus: O humano no homem**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012(b). pp. 13-111.

BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.

CAGIGAL, J. M. **Obras selectas**. Volume III, Cádiz: Comitê Olímpico Espanhol, 1996.

FUNARI, P. P. A. O esporte e sua relevância na atualidade. In: In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. pp. 11-12.

GAYA, A. Prefácio. In: BENTO, J. O. **Corrida contra o tempo: posições e intervenções**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física e Unicamp – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, 2012. pp. 20-21.

GAYA, A.; GUIMARÃES, A. C. (In memoriam). Uma autobiografia intelectual. In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. pp. 16-23.

GORDO, M. E. S. C; MOREIRA, W. W. A formação profissional em educação física no Pará e a aspiração discente. **Ver a Educação**, v. 12, n. 2, p. 231-246, jul/dez. 2011.

GRECO, P. Prefácio II. In: BENTO, J. O. **Da Coragem, do Orgulho e da Paixão de ser professor: auto-retrato**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2.ed. 2010. pp. 11-13.

JENNINGS, A. **Jogo sujo: o mundo secreto da FIFA**, São Paulo: Panda Books, 2011.

MARTINS, I. M. de L. Prefácio I. In: BENTO, J. O. **Da Coragem, do Orgulho e da Paixão de ser professor: auto-retrato**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2.ed. 2010. pp. 09-10.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Prefácio à edição brasileira. In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. pp. 25-29.

MONTEIRO, A. A. ; NISTA-PICCOLO, V. L. ; SOBREIRA, V. Formação e a atuação do professor de educação física escolar: um estudo no estado de São Paulo. **Quaestio (UNISO)**, v. 18, p. 211-225, 2016.

MOREIRA, E. C.; TOJAL, J. B. A. G. A formação em Programas de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Educação Física: preparação docente versus preparação para pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 127-145, outubro/dezembro de 2009.

MOREIRA, E. C.; TOJAL, J. B. A. G. Prioridades dos programas de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Educação Física; a visão dos egressos. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n.1, p. 161-178, jan./mar. 2013.

MOREIRA, W. W. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**, Campinas: Unicamp, 1995.

MOREIRA, W. W. Formação profissional em ciência do esporte: homo sportivus e humanismo. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012(a). p. 112-180.

MOREIRA, W. W. Prefácio. In: MESQUITA, I.; BENTO, J. O. **Professor de Educação Física: fundar e dignificar a profissão**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012(b). pp. 03-08.

MOREIRA, W. W. et al. Corporeidade aprendente: a complexidade do aprender a viver. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI: a era do corpo ativo**, Campinas: Papyrus, 2006. pp. 137-154.

MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. Formação de Professores de Educação Física e o Projeto Pedagógico da Escola: a busca do pensamento complexo. In: BENTO, J. O.; TANI, G.; PRISTA, A. (Org.). **Desporto e educação física em português**. Universidade do Porto, Portugal, 2010. pp. 75-83.

NISTA-PICCOLO, V. L. A formação de professores em educação física: desafios e propostas. In: GIMENEZ, R.; SOUZA, M. T. de. (Orgs.). **Ensaio sobre contextos da Formação Profissional em Educação Física**. Jundiaí: Fontoura, 2011. pp. 127-140.

NISTA-PICCOLO, V. L. Prolegômenos de uma pesquisa sobre o perfil do professor de Educação Física. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**. Vol. 2, n. 1, p. 111-125, Julho/2010.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2012(a).

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no Ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012(b).

NISTA-PICCOLO, V. L.; SIMÕES, R. M. R.; OLIVEIRA, A. A. M. Um estudo sobre a formação do professor de Educação Física no estado de São Paulo. **Série-estudos...** Campo Grande, MS, n.40, p. 271-286, jul./dez. 2015.

NISTA-PICCOLO, V. L.; SOBREIRA, V. A formação em Educação Física em análise: a realidade diante das diversidades. In: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2016. pp. 173-204.

PRISTA, A. Viagem sem cronologia. In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. p. 24.

SERGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

SERGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana**. Lisboa: Edições FMH, 1996.

SIMÕES, M. S. Do autor e do livro. In: BENTO, J. O. **Desporto discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, v. 02, 2013. p. 13.

SOBREIRA, V. **Indícios da formação de professores de Educação Física em Minas Gerais**. 2015. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.

SOBREIRA, V.; OLIVEIRA, A. M.; NISTA-PICCOLO, V. L. Indícios sobre a preparação de futuros professores de Educação Física de Minas Gerais: o que pensam os coordenadores. In: **I Congresso Internacional de Educação, 2016, Sorocaba. Cotidiano Escolar: (in)quietudes e fronteiras em conhecimentos e práticas educacionais**. Sorocaba/SP: EdUniso, 2016. p. 142-148.

SOBRINHO, J. D. Prefácio. In: BENTO, J. O. **Corrida contra o tempo: posições e intervenções**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física e Unicamp – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEA v Esporte, 2012. pp. 10-19.

TANI, G. Pós-graduação em Educação Física: crescimento e correção da rota. In: MOREIRA, W. W.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Orgs.). **Educação Física e esporte no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2016. pp. 153-171.

TANI, G. Prefácio. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W. **Homo sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012(a). pp. 03-06.

TANI, G. Prefácio. In: In: MESQUITA, I.; BENTO, J. O. **Professor de Educação Física: fundar e dignificar a profissão**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2012(b). pp. 09-10.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**, São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1992.

**Artigo recebido em: 28/02/2020    Artigo aprovado em: 21.07.2020**